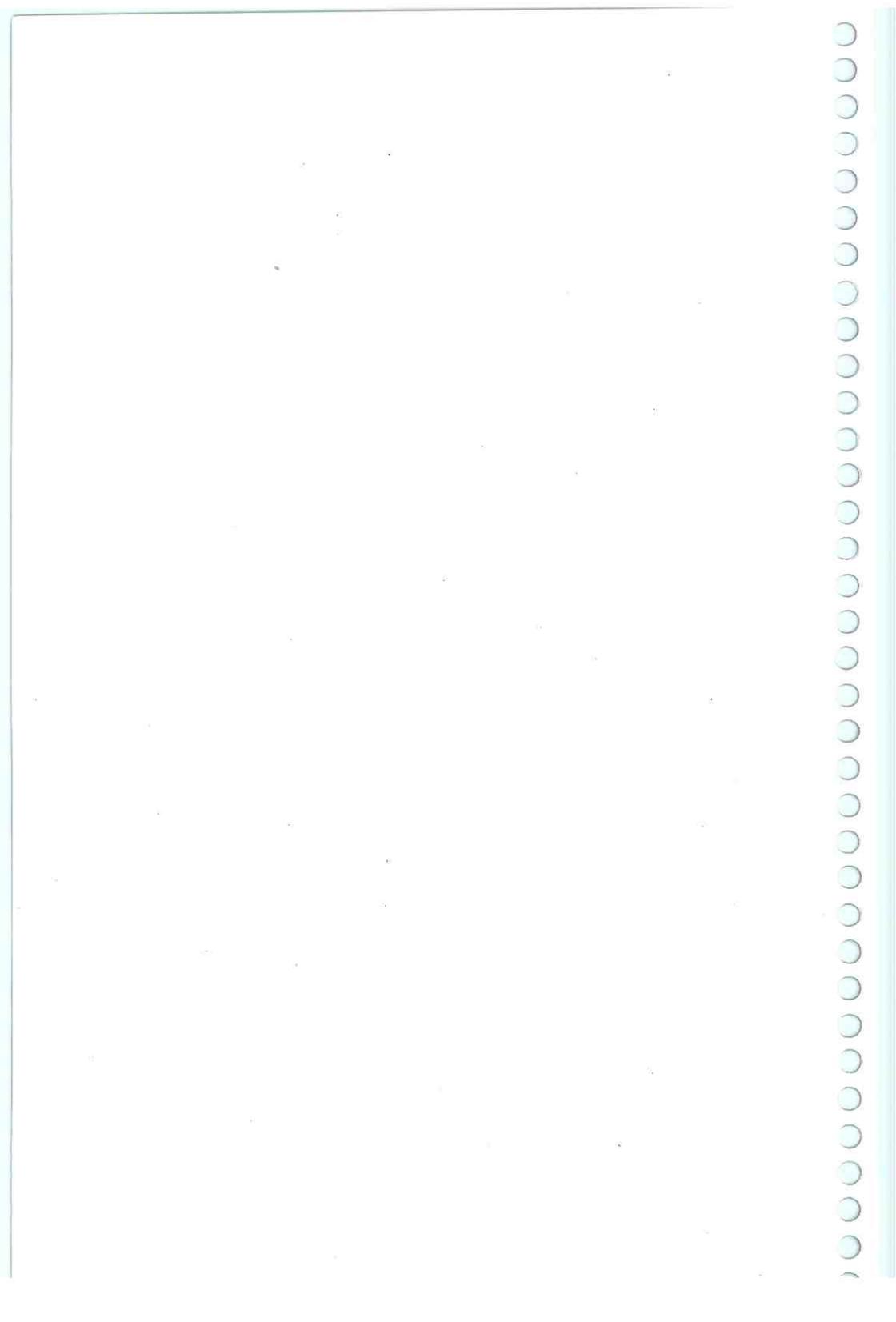


**ERASMO E LUTERO:  
TEOLOGIA E REFORMA DO CRISTIANISMO**

*João Quartim de Moraes*

Deptº de Filosofia do IFCH/UNICAMP



# ERASMO E LUTERO: TEOLOGIA E REFORMA DO CRISTIANISMO<sup>1</sup>

*João Quartim de Moraes*

Deptº de Filosofia do IFCH/UNICAMP

## **1- A convergência: soerguer o cristianismo**

O relacionamento entre Erasmo e Lutero expressa paradigmaticamente, na forma concreta de dois destinos individuais, o grande choque cultural provocado pelo encontro, no início do século XVI, do movimento renascentista, já intensamente desenvolvido na Itália durante o século anterior, com o movimento de reforma do cristianismo. Os dois eminentes personagens foram praticamente contemporâneos: Erasmo, um pouco mais velho, nasceu em Roterdã entre 1466 e 1469,

---

<sup>1</sup> O presente texto é um resultado parcial de um amplo projeto de pesquisa. Agradeço ao CNPq e à FAPESP as bolsas que me permitiram, respectivamente em janeiro-fevereiro de 1996 e janeiro-março de 1998, desenvolver levantamento bibliográfico na Biblioteca Nacional da França em Paris.

“em condições obscuras”,<sup>2</sup> que explicam a incerteza da data e morreu em 1536. Lutero nasceu em 1483, em Eisleben, Saxônia e morreu em 1546. Ambos escolheram a vida religiosa, mas ao passo que aquele, sempre cioso de sua liberdade de movimento, logo adotou um estilo de vida que tinha ainda algo do monge errante mas anunciava o moderno erudito requisitado pelos melhores centros de pesquisa de seu tempo, este permaneceu vinculado, até romper com a Igreja Católica e pôr-se à frente da grande rebelião protestante, à ordem dos augustinianos.

Estaríamos simplificando demais se identificássemos Erasmo ao Renascimento e Lutero à Reforma. Erasmo representa sobretudo, como procuraremos mostrar, uma sempre instável tentativa de equilíbrio entre a inspiração renascentista e a exigência reformadora. A excepcional importância que assumiu na constelação intelectual do Renascimento decorreu da harmoniosa conjunção de seu inimitável talento literário, alimentado por profundo conhecimento da língua e literatura latina e grega com o conteúdo ético que imprimiu ao projeto de reforma do Cristianismo à qual aspiravam todos os católicos sinceros daquele tempo. Ninguém melhor do que ele vinculou a ilustração renascentista ao retorno às fontes originárias da inspiração evangélica. Ninguém fustigou com tão convincente ironia os sintomas de envilecimento e de perda de conteúdo da religião oficial, reduzida a um rito

---

<sup>2</sup> A data que consta da maioria dos documentos iconográficos é 1467, mas a “obscuridade” de seu nascimento exclui afirmações peremptórias. O grande pensador nasceu de uma união irregular entre um padre, Gérard de Praët, originário de Gouda, e “uma certa Margarida”, filha de um médico. Donde a expressão “em condições obscuras”, recorrente em biografias e notas biográficas. à qual o erasmólogo J.C. Margolin acrescenta, no verbete *Érasme* da *Encyclopaedia Universalis* (vol. 6, 1968), “voire infamantes”, explicando em seguida que o nome *Desiderius Erasmus Roterodamus* foi escolhido pelo próprio, após a morte de seus pais numa epidemia de peste...

exterior. Traumatizou-o particularmente testemunhar o exibicionismo bélico do papa Júlio II, desfilando armado e encouraçado pelas ruas de Roma, como qualquer general à frente de suas tropas.

O prestígio literário e intelectual de Erasmo já estava assentado na virada do século XV para o século XVI. Lutero, então um adolescente, entrou em 1501 na Universidade de Erfurt. Não lhe faltavam talento e capacidade de trabalho intelectual. Conquistou com brilhantismo os títulos de bacharel em Direito e de mestre em Filosofia aos vinte e vinte e dois anos, respectivamente. Subitamente, porém, em julho de 1505, para surpresa geral e grande cólera de seu pai, que queria vê-lo jurista, entrou, movido pela angústia religiosa que desde a infância vinha marcando-lhe a existência, para o convento dos Agostinianos em Erfurt. Exemplar no cumprimento da regra monástica, mas sempre atormentado pela incerteza da salvação, entregou-se a fundo ao estudo e à explicação dos textos bíblicos. Foi-lhe também confiado um curso sobre a ética aristotélica.

Como Erasmo, Lutero, ao contemplar em Roma (onde esteve no ano de 1510) o espetáculo das pompas mundanas da cúpula eclesiástica sofreu forte traumatismo moral que o conduziu à denúncia acerba da religião estabelecida, fixando o rumo de sua vida e propelindo-o para o primeiro plano da cena histórica. Escandalizou-o profunda e irreversivelmente sobretudo o comércio de indulgências. Como admitir, com efeito, que o ladrão, o assassino, ou qualquer outro malfeitor pudesse, a peso de ouro, limpar a alma de seus pecados e garantir a salvação eterna? Em 1515-1516, publicou seu primeiro escrito notável, o *Comentário sobre a Epístola aos Romanos*, em que já se delineia uma visão própria do cristianismo. Durante este mesmo período, decisivo para ele, testemunhou indignado uma nova campanha de

venda de indulgências destinada a recolher fundos para a construção da Basílica de São Pedro em Roma. Na Alemanha, o dominicano Tetzl, mobilizava multidões de contribuintes, entoando, com incontestável talento publicitário, um singelo refrão:

“Assim que no tronco a moeda ressoa  
Do tórrido purgatório uma alma voa”

Nenhuma das denúncias que enviou a seus superiores a respeito dos métodos de Tetzl logrou ultrapassar a barreira de indiferença, conivência e cumplicidade à sombra da qual prosperava o comércio de indulgências. No ano seguinte, a 31 de outubro de 1517, Lutero deu um passo decisivo em sua trajetória de fundador do protestantismo. Afixou no espesso muro da igreja do castelo de Wittenberg um grande painel contendo noventa e cinco teses redigidas em latim em que condenava a venda de indulgências e o princípio mesmo de que a redenção dos pecados pudesse ser objeto de uma negociação entre o pecador e a Igreja. Um ano depois, em outubro de 1518, convocado para um encontro em Augsburgo com Cajetan, legado do Papa, recusou-se à retratação e ao silêncio futuro, condições impostas pela autoridade eclesiástica para perdoar o desafio de Wittenberg.

No mesmo período, Erasmo, apoiado em sua notável erudição filológica, concluía uma de suas obras mais notáveis e certamente a que mais diretamente influenciaria a Reforma: uma nova edição do texto grego do Evangelho, acompanhado de uma tradução latina, que rompia o milenar monopólio da versão de São Jerônimo, dita a *Vulgata*. Em 1521-1522, Lutero que não dispensou a erudição clássica em seu projeto de restabelecimento da autêntica mensagem cristã, basear-se-ia na edição de Erasmo para preparar a tradução alemã do Novo Testamento. Mais do que um projeto pessoal do monge rebelde, a ân-

sia de beber na fonte as palavras da Revelação configurou todo um movimento conhecido como *evangelismo*, transposição para os textos sagrados do procedimento dos humanistas face aos tesouros literários da Antiguidade Clássica.

Neste aspecto é evidente que a corrente renascentista veio desaguar nas águas caudalosas da reforma protestante. Mesmo porque, sem a invenção da imprensa e a conseqüente difusão do livro (principalmente, como notamos, do livro religioso), sem a erudição literária que permitiu acesso ao texto original da Bíblia e dos Evangelhos, em suma, sem a cultura renascentista, a rebelião de Lutero certamente não teria exercido impacto tão amplo, fundo e decisivo sobre a Cristandade. Sua tradução da Bíblia, iniciada pela do Novo Testamento, apoiou-se no trabalho de uma equipe que incluía Melanchton, o mais brilhante erudito da reforma protestante.<sup>3</sup> Porém, diferentemente de Erasmo, ele não valorizava a cultura renascentista por sua significação humanista, mas exclusivamente como instrumento de sua reforma religiosa, que levou, tanto no plano doutrinário quanto no eclesiástico, às últimas conseqüências.

Inicialmente, as relações entre o apóstolo da Ilustração cristã e o da Reforma protestante foram de respeito e estima recíproca. Não chegaram propriamente a simpatizar. Faltavam as afinidades e até as compatibilidades caracteriológicas em que se apoia a simpatia<sup>4</sup>. Lutero

---

<sup>3</sup> Cf. *The New Cambridge Modern History*, volume II, *The Reformation 1520-1559*, Cambridge, University Press, 1958, p.83.

<sup>4</sup> Daniel van Damme, *Erasmus, sa vie, ses oeuvres*. Bruxelles, M. Weissenbruch, sem data de edição, pp. 144-145, observou, a esse propósito, que em Erasmo predominava a flexibilidade e o equilíbrio, ao passo que Lutero tinha um caráter "inteiriço, violento mesmo". Acrescenta que aquele era "pacifista e internacionalista", este "ardorosamente nacionalista".

apreciava sobretudo em Erasmo a talentosa ironia da crítica aos desmandos da hierarquia eclesiástica e ao rebaixamento da prática religiosa a um rito exterior e supersticioso e a força de persuasão que emanava de sua apologia do retorno à verdade evangélica. Erasmo admirava em Lutero a apaixonada defesa da renovação da fé e a firme denúncia dos abusos dos Papas e seus prepostos. Foi pois com simpatia que tomou conhecimento do zelo reformador do monge rebelde de Wittenberg, como deixou claro em carta enviada em 17 de outubro de 1518 a Johann Lang, amigo e colaborador de Lutero, que naquele mesmo mês entrevistava-se com o legado papal em Augsburg: “Ouço dizer que Eleutherius” (pseudônimo adotado por Lutero; seu significado, “homem livre”, apropriava-se à audaciosa empreitada de desafiar a Igreja Católica) “está encontrando apoio entre os melhores, sem exceção . Dizem também que em seus escritos ele não se mantém sempre no mesmo nível”.

Um forte elogio e uma moderada observação crítica. Na seqüência da carta, ele classifica como “absolutamente insípida” a crítica dirigida contra Lutero por Mazolini, eminente teólogo dominicano, acrescentando que “o poder monárquico” do Papa, para o qual convergem “cegamente as bajulações dos Dominicanos, que perderam toda vergonha”, “é o flagelo do Cristianismo”. Mas, tal era o temperamento de Erasmo, a contundência de sua denúncia vem compensada por um quase resignado ceticismo quanto à possibilidade de “pôr abertamente o dedo nesta ferida”. Os Príncipes, que poderiam se opor aos escandalosos abusos da teocracia romana, parecem “desejosos de obter sua parte (nos benefícios do comércio de indulgências)”.

Esta amarga constatação de impotência não o impede, entretanto, de voltar a defender Lutero ainda na mesma carta. “Pergunto-me,

espantado, o que pode ter passado pela mente de Eccius<sup>5</sup> para levá-lo a combater Eleutherius”. Adianta, como explicação, a “sede maldita de glória”, capaz de inspirar qualquer idéia no coração dos mortais. Esta clara tomada de posição a favor de Lutero, antes mesmo de estabelecer contato epistolar com ele, não foi inspirada a Erasmo apenas pela comum revolta de ambos contra o Papa e seus prepostos, comerciantes de indulgências que vendiam a peso de ouro a salvação eterna. Aproximava-os também -e principalmente- o impulso profundo de renovação da fé pelo retorno à pureza da inspiração evangélica.

Sem a Ilustração cristã, sem o espírito de rebeldia intelectual que ela suscitou e que a acompanhou, a Reforma luterana não teria provavelmente tido um destino muito diferente do das muitas outras tentativas anteriores de reforma do cristianismo: seria absorvida pela Igreja Católica ou isolada e exterminada como herética.

A 28 de março de 1519, cinco meses após ter confirmado suas posições de rebeldia diante do legado papal Cajetan, Lutero tomou a iniciativa de escrever a Erasmo. Não só o tom mas a substância mesma da missiva expressam a mais humilde admiração. “Qual o homem cujo santuário íntimo não está inteiramente ocupado por Erasmo, não é instruído por Erasmo, sobre o qual Erasmo não reina? Refiro-me aos que amam as letras como elas merecem”. Desculpa-se de estar sendo “tolo” a ponto de se dirigir a ele “sem preparação, sem preâmbulos de respeito e reverência”.

A resposta, datada de 30 de maio de 1519, foi amigável e encorajadora. Fica claro, entretanto, no tom conciliador e em freqüentes recomendações de moderação, que Erasmo (de quem Lutero diria estar

---

<sup>5</sup> Nome latino de Johann Eck, que também tinha elaborada uma crítica às teses de Lutero, à qual este respondeu com seus *Asterici*.

“mais preocupado com as coisas humanas do que com as divinas”) continuava pretendendo combater de dentro da Igreja a corrupção da Igreja. Embora forte, a convergência entre ambos era portanto limitada. Como a maioria dos humanistas do Renascimento,<sup>6</sup> Erasmo não levou o projeto de reforma do cristianismo para além dos limites do catolicismo: em relação à ordem eclesiástica permaneceu um “reformista”. Posição análoga à daqueles militantes políticos que, sofrendo fortes pressões por divergirem da linha de seu Partido, recusam-se a abandoná-lo e, para não serem expulsos, esforçam-se por ressaltar aquilo que os une à ortodoxia, sem contudo renegar suas convicções heterodoxas. Tal foi a posição constante de Erasmo, que nunca encarou a hipótese de romper com seu “Partido” católico apostólico romano. Assim, permaneceu neutro no confronto que logo mais iria dividir de vez a Cristandade, enquanto Lutero caminhou sem hesitar para a ruptura com a ordem católico-romana. Erasmo não estava encarando, nem nunca encararia, a possibilidade de acompanhar Lutero em sua ruptura com a Igreja católica romana. Procurou manter, no confronto que daria origem ao protestantismo, uma cada vez mais difícil neutralidade.

---

<sup>6</sup> O termo “humanista” tem aqui sentido principalmente descritivo, como “humanismo”. Seria tão descabido atribuir-lhe conotações adquiridas nos séculos seguintes, notadamente no século XX, quanto identificar o comunismo preconizado na *Utopia* de Thomas More ao do movimento operário dos séculos XIX e XX. Robert Mandrou em *Introduction à la France Moderne, 1500-1640*, (Paris, Albin Michel, 1961 et 1974, p.239), após notar que a palavra *humanismo*, foi “a tal ponto pervertida... que não parece útil empregá-la”, resigna-se assim mesmo a utilizá-la para designar “os escritores e os sábios que, impulsionados pelo sopro de otimismo dos anos 1500 a 1530, ao lado de pintores, arquitetos e monges, sonhando reformar a Igreja Católica, realizaram obra de filólogos, de poetas, de editores, glorificando o homem novo, cujo papel vindouro pressentiam e cujo surgimento esforçavam-se por facilitar”. Cita Erasmo e Lefèvre d’Étaples como principais expressões dos humanistas daquele tempo.

## 2- A rupturas de Lutero com a Igreja Romana

Durante o biênio 1519-1520, fracassaram as últimas tentativas da hierarquia católica para convencer Lutero a se retratar. Em junho de 1520, adiantando-se, como nota Mesnard, “ao efeito da excomunhão próxima”, ele publicou *Sobre o Papado de Roma*, em que recusa antecipadamente, com a doutrina do sacerdócio universal, “a autoridade que o condena”.<sup>7</sup> Com efeito, ao sustentar que em princípio qualquer cristão está apto a compreender as verdades reveladas sem necessidade de mediação das autoridades eclesiásticas, golpeou na raiz o princípio da teocracia romana. No dia 15 do mesmo mês, suas teses, classificadas como heréticas pelos doutores da Igreja, foram condenadas pelo papa Leão X na bula *Exsurge Domine*.

Ainda em 1520, publicou três outros escritos: o *Apelo à nobreza cristã da nação alemã*, em que contesta a superioridade do Papa tanto sobre o poder civil quanto sobre os concílios, bem como sua autoridade para fixar a interpretação dos textos sagrados, o *Cativeiro Babilônico da Igreja*, em que denuncia a fundo a utilização dos sacramentos como instrumento de controle dos fiéis pela hierarquia eclesiástica, aceitando apenas o batismo enquanto expressão da graça divina e enfim *Sobre a liberdade do cristão*, onde expressa a tensão dramática entre a fé que eleva a Deus e a corrupção do homem em seu estado natural. A 12 de dezembro do mesmo ano de 1520, respondendo a cada nova pressão de Roma com novo ato de rebeldia, queimou em

---

<sup>7</sup> Cf. Pierre Mesnard, *L'essor de la philosophie politique au XVI siècle*, Paris, Vrin, 1977, p.191.

Wittenberg copiosa biblioteca de livros eclesiásticos, acompanhados de um exemplar da bula que condenava suas teses.<sup>8</sup>

Sem o apoio decidido e decisivo de expressiva parcela da nobreza, da burguesia e dos camponeses alemães, Lutero teria certamente seguido o destino de tantos outros cismáticos que o haviam precedido: a fogueira. Para sobreviver, o Protestantismo nasceu guerreando. Chamado a Worms pelo então jovem Carlos V, para se explicar diante da Dieta do Sacro Império Romano-Germânico lá reunida desde o início de 1521, frei Martinho (assim ainda o chamavam as autoridades católicas) compareceu munido de um salvo-conduto e sobretudo (já que um pedaço de papel pode ser facilmente rasgado) de uma respeitável guarda de cem cavaleiros. Instado naquela imponente assembléia composta, sob a presidência do Imperador, de representantes de todos os Estados germânicos, a renunciar a suas idéias heréticas e a suas atitudes cismáticas, declarou com a sóbria solenidade de quem já está maduramente decidido a assumir suas convicções até as últimas conseqüências:

“Não posso nem quero me retratar, porque não é nem seguro nem sincero agir contra a própria consciência. Que Deus me ajude. Amém!”.

A Dieta tirou as conseqüências políticas desta rebelião tão claramente anunciada. Um edito datado de 18 de maio de 1521 puniu-o com o banimento do Império e a conseqüente perda de todos seus direitos civis. Só não sofreu castigo mais severo graças não somente ao

---

<sup>8</sup> Cf. Jean Delumeau, *Naissance et affirmation de la Réforme*, Paris, P.U.F., 1983, pp. 87 e ss.

referido salvo-conduto, caucionado por sua guarda de cem cavaleiros, mas também à atitude ambígua de Carlos V, que longe de dispor, no trono do Sacro Império, de poderes discricionários, tinha de levar os privilégios e autonomias da nobreza feudal e das cidades autônomas, que exerciam o poder em primeira instância e, sobretudo, ao Príncipe-Eleitor de Saxe, de quem Lutero era súdito e que simpatizando com suas teses, interveio a seu favor, abrigando-o em seu castelo de Wartburg, onde ele escreveu *Sobre os votos monásticos*, para demonstrar que a concepção católica do sacerdócio não tem apoio algum nos Evangelhos, além de induzir ao desrespeito do quarto mandamento (honrar pai e mãe). Lá permaneceu até retornar a Wittenberg no dia 1º de março de 1522.<sup>9</sup> O edito de banimento, datado de 18 de maio de 1521, tornou-se assim inócuo.

O apelo à “nobreza cristã da nação alemã” havia, entretanto, encontrado outros ouvidos receptivos, além dos cem cavaleiros que o acompanharam a Worms. Considerado a justo título, por suas tradu-

---

<sup>9</sup> Num dos filmes sobre a vida de Lutero apresentados em Paris no dia 8-2-1996 em programa da TV-5 comemorativo dos 450 anos de sua morte, coordenado pelo eminente politólogo germanista Alfred Grosser, durante a seqüência que reconstitui o interrogatório a que os doutores em Teologia ortodoxa o submetteram diante da Dieta do Sacro Império e face a Carlos V sentado no trono, ouvem-se, à medida em que ele assumia firmemente suas posições julgadas rebeldes e heréticas, gritos insistentes em espanhol: “Al fuego! Al fuego!”. Se dependesse dos que assim bradavam, a fogueira teria muito provavelmente constituído, como era hábito, o argumento decisivo da cúpula eclesiástica. Também Calvino teve desde logo, para escapar a uma previsível fogueira, de deixar a França para se refugiar em Gênève, cuja burguesia conquistara a independência. De lá dirigiu a propagação da religião reformada através da França, com notável capacidade de organização (promovendo um muitas vezes difícil consenso entre as igrejas locais) e a firme esperança (que a feroz resistência católica acabou desmentindo) de implantar em seu país o novo credo, com sucesso comparável ao que Lutero lograra na Alemanha.

ções dos textos sagrados, grande artífice da cultura nacional alemã, Lutero abriu caminho, por sua rebelião, para a ruptura dos pesados laços de dependência dos alemães em relação a Roma. Não apenas em matéria de fé. Não era indiferente à nobreza alemã que, rompendo com o catolicismo, “largas somas de dinheiro já não mais precisariam cruzar os Alpes” para financiar a corte papal de Roma; parte dos bens da Igreja católica poderia ser canalizada para seus próprios cofres. Acresce que decisões em última instância relativas a assuntos importantes como matrimônio e herança eram tomadas em Roma. A possibilidade de passar a tomá-las “in loco” seduzia os senhores feudais e os conselheiros burgueses.<sup>10</sup>

### 3- A ruptura entre Erasmo e Lutero

A neutralidade a que tanto se apegara Erasmo não poderia sobreviver muito tempo à ruptura final de Lutero com a Igreja católica. Hesitou muito antes de se decidir a marcar sua diferença relativamente ao chefe da rebelião protestante. Mesmo porque, cada qual à sua maneira, ambos estavam muito mais preocupados com o significado do cristianismo enquanto religião do que com polêmicas teológicas. Nem um nem outro se colocaram principalmente como teólogos. Também Calvino insistirá mais tarde, contra os doutores em teologia, que ter fé não é considerar verdadeiras as Escrituras (Satanás conhece bem as verdades teológicas) e sim aderir de coração a seus ensinamentos. Dis-

---

<sup>10</sup> Cf. Keith Randall, *The Catholic and Counter Reformations*, Londres, Hodder and Stoughton, 1990, p.118.

cutiram as questões teológicas relacionadas mais de perto com suas respectivas concepções da religião cristã. Procuraram não se envolver nas sutilezas filosóficas com que a escolástica dos séculos XIII e XIV havia tratado e a do século XVI e XVII trataria temas como a predestinação, o livre ou o servo-arbítrio, a onisciência divina face aos futuros contingentes, etc.

Acabou decidindo-se, ao influxo de convergentes apelos (notadamente por parte de seu querido amigo Thomas More) e pressões (por parte dos doutores e autoridades eclesiásticas) a publicar o *De libero arbitrio*. Informado de que o livro estava em preparação, Lutero enviou-lhe carta datada de 15 de abril de 1524, apelando para que permanecesse neutro no conflito entre a Reforma e a cúpula católica. “Contenta-te em assistir como espectador à nossa tragédia. Peço-te apenas que não publiques obras contra mim. De meu lado, abster-me-ei de escrever contra ti”.<sup>11</sup> A proposta não foi atendida: logo depois, Erasmo publicou o livro anunciado.

---

<sup>11</sup> Mesnard, pp. 43-44. Erudito notável, mas levando aqui seu zelo apologético pela Igreja Católica além do que permitiria o respeito à objetividade, Mesnard praticamente identifica a posição de Erasmo à que logo mais seria assumida pelos Jesuítas: “Mais les menaces ne pouvaient rien contre un homme qui voyait lui aussi son idéal en péril. Et cet idéal c’était le drapeau glorieux de l’humanisme chrétien. Contre le schisme qui s’organisait de toutes parts à travers le grand tumulte allemand, *Érasme* défendait d’abord *l’Église* ... dont il avait parfaitement compris qu’en période d’agitation elle est la seule planche de salut, la seule maîtresse de certitude, ce qu’il exprimait sous une forme paradoxale mais frappante: ‘Si l’Église adopte l’Arianisme ou le Pélagianisme, je l’adopterais comme elle’ (carta a Pirrheimer, 19 de outubro de 1521). Se aprofundasse, com espírito mais objetivo, a análise do alegado paradoxo, talvez encontrasse traços das hesitações e dubiedades de Erasmo assinaladas por estudiosos menos apologéticos, como Huizinga.

Com uma introdução e três tópicos articulados em longo e bem argumentado arrazoado, haurido em sua notável erudição bíblica, defende, contra a tese de Lutero de que a Humanidade, pervertida pelo pecado original, só pode esperar a salvação eterna da graça divina, a autonomia da vontade humana e portanto sua capacidade de alcançar, sempre que ajudada pela reta razão, os méritos que a tornam digna da Redenção. No final da introdução, recapitulando a posição da questão e antecipando as conclusões gerais, deixa clara sua desafeição pela logomaquia teológica: “Metade de meu livro estará concluída se convenci o leitor... de que melhor teria sido não discutir estes assuntos com demasiados pormenores, principalmente em público...” . Reconhece em seguida, com lucidez e objetividade de grande erudito humanista, “não se poder negar que existem nas Santas Escrituras muito numerosas passagens que parecem estabelecer definitivamente a doutrina do livre-arbítrio e algumas outras, ao contrário, que parecem arruiná-la totalmente”. Emanação do mesmo e divino autor, o Espírito Santo, o texto sagrado “não pode entrar em contradição consigo mesmo”. Desta constatação lógico-teológica infere o plano do livro: “começaremos por recensear os textos que confirmam nossa opinião, depois tentaremos explicar os que nos parecem contrários”.<sup>12</sup>

O ponto mais forte de sua argumentação pode ser resumido em forma de uma redução ao absurdo. As Escrituras continuamente clamam o homem a cooperar com Deus. Que sentido teria tal apelo se a vontade humana fosse inteiramente passiva? Como poderia haver

---

<sup>12</sup> Apoiamo-nos na excelente tradução francesa de Pierre Mesnard, Erasme de Rotterdam, *Essai sur le libre arbitre*, Alger, Éditions Robert e René Chaix, 1945. A passagem citada (tópico I b10), está nas p. 92-93.

pecado sem capacidade de discernir entre o bem e o mal?<sup>13</sup> O zelo pela propagação da fé, a exaltação da obra divina, não devem ir a ponto de tornar incompreensível a salvação de uns e a danação de outros. Teologicamente, Erasmo sustenta uma posição moderada.<sup>14</sup> Recusa unicamente a concepção luterana de que a vontade humana é passiva e inoperante. Daí sua definição do livre-arbítrio como a “força da vontade humana pela qual o homem pode aplicar-se ou desviar-se de tudo aquilo que o conduz à salvação eterna”.<sup>15</sup>

Lutero respondeu lançando, em dezembro de 1525, o *De Servo Arbitrio*, sua obra maior e melhor preparada, em que ataca o Behemot<sup>16</sup> de maneira extremamente contundente. Erasmo, desta vez igualmente encolerizado, decidiu-se sem tardar a “dar combate às feras”.<sup>17</sup> Com prefácio datado de 20 de fevereiro de 1526, lançou o primeiro tomo do *Hyperaspistes adversus servum arbitrium Luteri* (o termo grego *aspistes* significa *escudo*), réplica cujo tom não é menos

---

<sup>13</sup> A questão está bem sintetizada em “Fate, fortune, providence and human freedom”, de Antonino Poppi, capítulo 17 de *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*, p.662.

<sup>14</sup> Cf. Poppi, *ib.*, p.663, nota 54.

<sup>15</sup> Erasmo, *ib.*, I b 10. O texto original diz “...vim humanae voluntatis, qua se possit homo applicare ad ea quae perducunt ad aeternam salutem, aut ab iisdem avertere”. Mesnard traduz “vim” por “pouvoir” (*op. cit.*, p.93).

<sup>16</sup> Desde 1520, com efeito, Lutero referia-se a Erasmo através deste pejorativo epíteto bíblico. Cf. a excelente introdução histórico-crítica de Pierre Mesnard em sua já citada tradução francesa do *De libero arbitrio*, Alger, Éditions Robert e René Chaix, 1945, p.43. Assim, na carta a Spalatin (de 9 de maio de 1521): “O Behemot está muito longe de conhecer a graça; em todos os seus escritos só tem em vista a paz, mas não se preocupa em nada com a cruz” e a Jacob Cubitensis (de 28 de maio de 1522): “A verdade é mais forte que a eloquência, mais vale a inspiração do que o espírito, a fé é superior à erudição”.

<sup>17</sup> A frase está na carta que enviou a J. Laski em 8 de março de 1526. (Citada por Mesnard, *ib.*, p.70).

virulento que o de Lutero, como o mostra a passagem citada (aprobativamente) por Mesnard: “Mais vale ser uma simples ovelha perdida em seu rebanho do que conduzir um bando de porcos”.<sup>18</sup>

A tal ponto estavam exacerbadas as paixões religiosas que, considerando a réplica insuficiente e cobrando promessa que lhe fizera Erasmo,<sup>19</sup> More, em carta datada de 18 de dezembro de 1526, dirigiu-lhe o seguinte apelo para que prosseguisse na ofensiva: “Que tu possas, antes de mais nada, completar o *Hyperaspistes*. Não podes conceber nada mais frutífero para todos do que esta obra, nem mais agradável aos amigos, nem mais belo ou necessário para ti. Estou certo de que imaginas dificilmente a avidez com que todas as pessoas de bem esperam esta obra; os maus, ao contrário, que estão com Lutero ou te detestam, parecem exultar e recuperar alento com tua demora em retomar a pluma”.<sup>20</sup>

Erasmo retomou-a, em todo caso, para responder ao amigo, a 30 de março de 1527: “Um e outro, tu e Tunstal,<sup>21</sup> rivalizais em esforço

---

<sup>18</sup> Cf. Mesnard, *ib.*, p.71. Em julho, publicou-se nova edição do *Hyperaspistes*, revista pelo autor.

<sup>19</sup> Esclarecendo a More que tinha apenas respondido às críticas de Lutero contra o prefácio do *De libero arbitrio*, Erasmo acrescentara que iria refutar as críticas restantes de maneira mais elaborada (“elocubratoria”). Cf. *Érasme de Rotterdam et Thomas More. Correspondance*, Éditions de l'Université de Sherbrooke, 1985 op. cit., p. 194.

<sup>20</sup> Pouco menos de três anos antes, quando Erasmo preparava o *De libero arbitrio*, tinham vindo da Inglaterra (“plus que d'aucun pays”) apelos semelhantes, “émanant du roi ou s'appuyant sur l'autorité royale”, enfatizando a urgência de que escrevesse contra Lutero. Na primavera de 1524, enviou a Londres a primeira versão do livro tão esperado, que certamente chegou às mãos de More. Luis Vives, em carta escrita de Londres, a 16 de junho daquele ano, encorajou Erasmo a visitar a Inglaterra, mas pediu-lhe que não viesse antes de ter escrito contra “Aquele-lá” (*ib.*, p189).

<sup>21</sup> Cuthbert Tunstal, helenista inglês, é frequentemente citado na correspondência de Erasmo e More.

para que eu me arme de minha pluma contra Lutero. Que fazer contra dois amigos? O prazer de qualquer um deles bastaria para me determinar a tudo que lhe agradasse, quaisquer que fossem as conseqüências. Gostaria no entanto de que tal ação fosse empreendida antes pela razão do que pelo sentimento. Estais persuadidos de que se me lançar inteiro ao ataque a Lutero, o gesto terá grande repercussão. Penso, quanto a mim, que estaria apenas botando lenha na fogueira”. Mesmo porque Cuthbert (Tunstal) “subestima espantosamente as forças desta facção” (dos luteranos) e, com certa profecia: “Se ela (a seita luterana) pudesse ser dominada com palavras, eu também colocaria toda minha energia para derrubá-la. Mas, falando francamente...temo que logo o brazeiro irrompa numa conflagração mundial. É o que nos preparam a insolência dos monges e a desumanidade dos teólogos”.<sup>22</sup>

Mais adiante, atribui à zelosa afeição de More a insistência com que continua a incitá-lo a prosseguir na inconveniente polêmica: “...tua amizade por mim não suporta a insolente alegria daqueles que exultam porque aparentemente não tenho nada a responder a Lutero”. De qualquer modo, considerava haver “reduzido a nada” os argumentos de Lutero. Para convencer o amigo, sintetiza os pontos essenciais do debate teológico: “Lutero só dispõe de dois bastiões: ‘a lei não tem outro efeito além de nos fazer conhecer ou melhor reconhecer o pecado’ e ‘o pecado de Adão corrompeu tanto a massa do gênero humano que o próprio Espírito Santo nela só opera o mal’. Acuado fora destas cidadelas, ele desabarará. Mas com que novas armas lançar por terra al-

---

<sup>22</sup> Carta de Erasmo a More, datada de Basiléia, 30 de março de 1527. Cf. *Correspondance*, op. cit., pp. 203-204.

mana não introduz nenhuma acréscimo aos desígnios da Providência. É ontologicamente nula.

A convicção de que os desígnios de Deus *não são* impenetráveis para o Homem, de que portanto o abismo entre a Razão Divina e a Razão Humana não é intrasponível, contrapõe o humanismo renascentista de Erasmo ao teocentrismo da reforma luterana e calvinista, para o qual aquele abismo *é* intransponível. Leitor apaixonado dos gregos e dos latinos, para os quais a razão é o que há de mais divino no homem, Erasmo considerava que o pecado original pode ter obscurecido, mas não anulado a capacidade da razão finita de se elevar à Razão infinita.

Lutero, ao contrário, recusa-se, como em seguida fará Calvino, com maior ênfase e sistematicidade, a conceber o pecado como uma brecha entre a Sabedoria e a Vontade de Deus. Seria absurdo supor que a onipotência divina pudesse ser contrariada pela liberdade humana. Para a Teologia protestante, nada, absolutamente nada, pode ocorrer contra os desígnios da Providência. Ao criar Lúcifer e ao criar Adão, Deus não apenas sabia que iriam pecar. Criou-os para que pecassem, já que seria inconcebível que, sendo onipotente, não quisesse o que sabia, não predeterminasse o que previa. Sem dúvida, como Lutero salienta em seu comentário ao Salmo 51, a natureza humana revolta-se contra a fatalidade legada pelo pecado de Adão. Compreende-se que proteste, acrescenta, mas deve mais ainda confessar a palavra divina que nos revela “a impureza ou servidão da natureza”. O pecado original permanece “oculto a todo mundo, não sendo revelado por nossas forças, razões e especulações, as quais tendem antes a obscurecê-lo, atenuá-lo, desculpá-lo”. Só a palavra de Deus pode revelá-lo. “Crendo nesta palavra, confessamos que as coisas são assim, em-

bora toda (nossa) natureza proteste em altos brados, como deve protestar”. Esta doutrina de Paulo, acrescenta, é “a mais difícil de toda a Escritura ou teologia, mas sem ela é impossível que a Escritura seja corretamente entendida”.<sup>26</sup>

O historiador Guillermo Fraile, que não faz segredo da pouca simpatia que lhe inspira Lutero, sustenta que em sua “prodigiosa” produção literária “não há nada de interesse para a filosofia, salvo suas invectivas contra Aristóteles”. Vincula esta “escassa ou nula” importância à “formação e mentalidade... teológica e essencialmente nominalista” do monge rebelde.<sup>27</sup> A parcialidade da avaliação nos parece evidente, mas reconhece ao menos que Lutero não era indiferente em matéria de Filosofia. Sua adesão ao nominalismo, de resto, é conseqüente: desde Abelardo, negar realidade aos universais vinha constituindo o fermento da crítica à escolástica.

O desprezo pelas minúcias e argúcias teológicas não exclui, obviamente, o interesse pela Teologia enquanto hermenêutica do saber sobre Deus registrado nas Escrituras, nem por conseguinte sobre a condição do Homem enquanto criatura de Deus, se seu destino está ou não traçado de antemão por toda a eternidade. O debate a respeito da servidão (ou liberdade) do arbítrio e da predestinação, suscitado pela

---

<sup>26</sup> Lutero, *Opere Scelte*, 5, *Gli articoli di Smalcalda*, a cura di Paolo Ricca, Torino, Claudiana, 1992, pp.92-93, nota 120. Esta tradução italiana foi feita a partir do original alemão da *D. Martin Luthers Werke. Kritische Gesamtausgabe*, Weimar, 1883-1983. Comporta 60 volumes, aos quais haviam se acrescentado, até 1990, 4 volumes de índices. Paolo Ricca menciona as páginas correspondentes do original. Assim, a nota de Paolo Ricca refere-se ao texto do volume 50, p. 223 da acima referida edição, abreviadamente chamada de *Weimarana*.

<sup>27</sup> Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofía*, vol III, *Del Humanismo a la Ilustración*, Madri, Biblioteca de Autores Cristianos, 1991, p.138.

convicção fundamental da Reforma protestante de que, face a Deus, o homem não se justifica por seus atos, mas por sua fé, erigiu-se com efeito em divisor de águas entre os adeptos do cristianismo reformado e os católicos. Para aqueles, conseqüentemente, as obras humanas, quaisquer que sejam, por melhores que pareçam ser, estarão sempre impregnadas pela insanável corrupção do verme que somos. Só Deus salva ou condena.

Na divergência entre Erasmo e Lutero estavam portanto indissoluvelmente interligadas a concepção sobre Deus e a concepção sobre a Humanidade. Antes de mais nada porque a liberdade humana está na razão inversa da onipotência divina. Se o homem é livre e se sua natureza não está corrompida, Deus abre-lhe a possibilidade da salvação eterna, mas quem se salva (ou se perde) é o próprio homem. Esta defesa do livre-arbítrio, isto é, da capacidade humana de escolher o bem e de se aproximar de Deus, pedra angular do cristianismo de Erasmo, era incompatível com a concepção luterana da misericórdia divina como dom gratuito, absolutamente desvinculado de qualquer merecimento humano. Mas por isso mesmo, para resguardar a absoluta liberdade divina de salvar ou condenar, Lutero trata a condição humana como radicalmente viciosa, por ter sido radicalmente corrompida pelo pecado original. À confiança renascentista no homem contrapõe-se pois o anti-humanismo da Reforma protestante. Entregue a suas próprias forças, o homem está perdido, já que sua vontade permanece prisioneira do estado de corrupção que o macula desde o pecado de Adão e Eva. Tal é o ensinamento da réplica explícita e contundente à confiança erasmiana na natureza humana que Lutero desenvolveu no *De Servo arbitrio*.

Calvino, com mais ênfase ainda, sustenta que Deus é onipotência absoluta e portanto, que para ele, saber e querer são rigorosamente idênticos. Por isso, criou o homem e antes do homem, Lúcifer e toda a raça dos anjos rebeldes, não somente sabendo que iriam pecar, mas também predeterminando que pecassem. Seria com efeito inconcebível que Deus onipotente não quisesse o que sabia, que não predeterminasse o que previa. O dogma protestante da *predestinação* consiste exatamente na identificação da *previsão* com a *predeterminação*: sabendo tudo, Deus tudo quis, inclusive o Mal. Face a um milênio e meio de argúcias teológicas dos doutores da Igreja empenhados em reconciliar a contradição entre a onipotência divina e a liberdade humana, os fundadores da Religião reformada assumiram com radical clareza o reconhecimento daquela e conseqüentemente a negação desta. Nada, absolutamente nada, ocorre independentemente da vontade divina.

Tal Deus, tal Humanidade. No círculo de fogo da especulação teológica, não se pode valorizar a condição humana sem limitar a condição divina. É notável, neste sentido, o equilíbrio teológico-político da doutrina da graça divina própria à Igreja Católica, a meio-caminho, como observou Johan Huizinga, do pleno reconhecimento erasmiano e da completa negação luterana do livre-arbítrio.<sup>28</sup> No léxico político, entendem-se por “centristas” as posições efetiva ou pretensamente

---

<sup>28</sup> Johan Huizinga, *Erasmus and the Age of Reformation*, Nova Iorque, Harper and Row, 1957, p.164: “The Catholic Church had on the point of free will reserved to itself some slight proviso, left a little elbow-room to the consciousness of human liberty *under* grace. Erasmus conceived that liberty in a considerably broader spirit. Luther absolutely denied it”. Segundo F.X. Kiefl, citado por Huizinga, Erasmo “with his concept of free, unspoiled human nature was intrinsically much more foreign to the Church than Luther” (ib.cit., p.165).

equidistantes de extremos opostos. Face às pressões opostas do humanismo renascentista e do anti-humanismo protestante, o dogma católico reafirmou uma vez mais, como havia feito em muitas outras crises doutrinárias de uma história milenar, seu “centrismo” teológico. Contra o otimismo humanista, reiterou a imprescindibilidade da graça divina. Com efeito, a redenção da condição humana resulta da Encarnação. Constitui portanto um dom gratuito de Deus, ao se fazer homem em Cristo. Não foi o homem, pelo justo exercício de seu livre-arbítrio, que se elevou até Deus e sim Deus que, por desígnio de sua graça providencial, assumiu e redimiu a condição humana, abrindo-lhe a possibilidade de merecer a salvação eterna pelo justo exercício do livre-arbítrio.<sup>29</sup> Mas o reconhecimento desta possibilidade exclui o pessimismo anti-humanista da reforma luterano-calvinista. Vale enfatizar que o fundamento deste pessimismo está na concepção luterana do pecado original, “corrupção tão profunda e perniciosa que nenhuma razão pode conhecê-la, mas na qual devemos crer na base da revelação da Escritura: Salmo 51, Romanos 5, Êxodo 33, Gênese 3”.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Obviamente, estamos esquematizando, talvez demais, as sutilíssimas e exaustivamente minuciosas discussões patrísticas, escolásticas e neo-escolásticas sobre os temas da graça divina, do livre-arbítrio, da predestinação, etc. Envolvem notadamente as distinções entre a causa primeira e as causas segundas, entre o prévio conhecimento divino dos futuros contingentes e a indeterminação do arbítrio humano *antes* de escolher o bem ou o mal, etc. Esquemmatizando novamente, diremos que para a ortodoxia católica, ao conferir liberdade a Adão e a seus descendentes, Deus, *ipso facto*, estabeleceu a diferença entre seu saber e seu querer. Mais exatamente, ele não quer que os homens pequem, mas ao querê-los livres, liberou-os para pecar. O argumento se complica ainda mais quando consideramos os efeitos do pecado original sobre o livre-arbítrio...

<sup>30</sup> Lutero, *ib.pp.*92-93.

Vale enfim assinalar que ao enfatizar a onipotência divina e conseqüentemente a justificação pela graça (e não pelos méritos), o protestantismo aproximou-se da grande religião monoteísta surgida na vizinhança geográfica e histórica do cristianismo: o Islã.<sup>31</sup> Proximidade sobre fundo da profunda diferença que opõe os seguidores de Maomé aos de Cristo. Falta àqueles a *mediação* (= Cristo, Deus feito homem). O *Corão* é a *palavra* de Deus *revelada* ao profeta. Deus permanece entretanto inacessível ao homem Não há quem por este interceda junto a Allah, *onipotente, uno e indivisível, misericordioso* mas também *justo* e portanto tão pronto a punir quanto a perdoar. Mas o perdão, como mais tarde para os luterano-calvinistas, “não pode ser obtido por mérito; flui unicamente da graça de Deus, embora um homem possa fazer-se merecedor do perdão por uma vida dedicada ao serviço de Deus”.<sup>32</sup>

## 5- O Deus de Erasmo

Já para Erasmo, Deus é amor e sabedoria. Não é, a rigor, absolutamente onipotente, já que seu poder deixa aberta a esfera em que se inscreve a livre escolha humana. Embora não explicitado na argu-

---

<sup>31</sup> O judaísmo, na verdade, é um monoteísmo incompleto na medida em que seu Deus é *nacional*, isto é, vinculado a uma comunidade e a uma língua determinada, contrariamente ao Islã, efetivamente universalista. Mas o uso pejorativo do termo, naquela época, conota o aspecto exterior e ritualístico

<sup>32</sup> Francis Robinson, *Atlas of Islamic World since 1500*, New York, Oxford, Facts on File, 1982, p.28. O autor deste belíssimo atlas não é forte em teologia. Escapa-lhe que se tudo flui da graça divina, nenhum homem pode acumular méritos. A santidade poderá ser sinal da graça, mas de modo algum dá ao homem direitos resgatáveis na eternidade. Na verdade, também o Islã é atravessado pela contradição entre a onipotência divina e o mérito humano.

mentação de Erasmo, que permanece no terreno da hermenêutica bíblica, o pressuposto teológico de sua defesa e ilustração da liberdade humana é a distinção entre a Sabedoria e a Vontade divinas. Luís de Molina iria no final do século XVI consagrar toda sua argúcia metafísica para distinguir entre o saber natural e o ato livre de Deus, em última análise, entre sua sabedoria e sua vontade. Aquela é mais infinita que esta, já que Deus sabe tudo (e portanto tudo previu, inclusive a rebelião dos anjos e o pecado de Adão) mas não quis tudo (não quis o pecado e o mal). Quis a liberdade. A discussão é interminável. Mas não nos parece possível, sem argúcias sofisticadas, negar que Deus poderia ter criado os anjos e os homens sem inclinação para o mal . Dizer que criou-os livres para escolher entre o Bem e o Mal é fugir da questão última: porque lhes deu o gosto do pecado?

O Deus de Erasmo, portanto, é eminentemente cristão, no sentido o mais preciso do termo, aquele que denota os adeptos da religião pregada por *Cristo*, Deus feito homem. Lutero marcou fortemente seu repúdio a esta concepção classificando-a como “verdadeira doutrina pagã, que não podemos tolerar”. Se a confiança católica nas forças do homem após o pecado original fosse justa, prossegue, então “Cristo teria morrido em vão, porque no homem não haveria nenhum dano ou pecado pelo qual ele teria devido morrer; ou então teria morrido somente pelo corpo e não também pela alma, já que a alma seria sadia e só o corpo estaria destinado à morte”.<sup>33</sup>

Avesso às especulações teológicas, Erasmo não se debruçou sobre as abissais raízes ontológicas do mal e do pecado. Confiou, sem restrições, na missão redentora de Jesus Cristo: o essencial, para ele,

---

<sup>33</sup> Lutero, op.cit., 1992, p.94. *Weimarana*, 50, p. 223.

era a esperança de redenção anunciada nos Evangelhos. Tanto mais que não concebendo, contrariamente a Lutero e a Calvino, a condição dos descendentes de Adão como inexoravelmente corrompida pelo pecado original, confiava na capacidade humana de se redimir à luz da mensagem cristã.

Se é certo, como notam autores católicos, que “ao pessimismo radical do protestante” o catolicismo responde que “a natureza não foi completamente viciada pelo pecado”,<sup>34</sup> também o é que só após “ter sido curada e transformada pela graça”, a condição natural do homem reconcilia-se com sua vocação sobrenatural. O “axioma” “*Gratia non tollit naturam, sed perficit*” constitui um dogma fundamental do catolicismo, para o qual, portanto, o que está em jogo na graça divina não é (como querem Lutero e Calvino) salvar o homem da natureza corrompida, mas salvar a natureza da corrupção.<sup>35</sup>

Embora concebesse questões teológicas e filosóficas decisivas como a relação entre a graça divina e a liberdade humana de maneira frontalmente oposta à reforma luterana, Erasmo não deixava de ser um heterodoxo reformador dos costumes e valores religiosos. A publicação do *De libero arbitrio* amainou mas não suprimiu o zelo inquisitorial dos doutores e dignatários eclesiásticos reacionários, que continuavam a acusá-lo de “ter botado o ovo que Lutero chocou”. Desencadeada a reação católica ao protestantismo, não era de críticos, mas de militantes de choque que careciam os representantes da ortodoxia.

---

<sup>34</sup> Cf. *Christus, Manuel d'histoire des religions* (editado, com os necessários “*nihil obstat*” e “*imprimatur*”, por Joseph Huby), Paris, Gabriel Beauchesne, 1923, pp. 1292-1293.

<sup>35</sup> Cf. *ibidem*, p. 1293, onde vem citada a tese de Santo Irineu, segundo a qual “a matéria é suscetível de salvação”.

Cercado de reservas e desconfianças, o erasmismo não tardou a ser perseguido, notadamente na Espanha.

A heterodoxia de Erasmo tinha muitos antecedentes na longa história da luta pela fixação do dogma católico. No que se refere à confiança na capacidade da própria Humanidade em acumular os méritos que a fazem digna de salvação e portanto na autonomia da vontade, capaz por suas próprias forças de se livrar do pecado, seu mais notável antecessor foi o monge Pelágio (360-440), mais conhecido pela heresia associada a seu nome (pelagianismo). Pelágio está para Erasmo como o rolo de pergaminho para o livro impresso e como a solidão do monge ascético para o intenso debate intelectual travado pelo letrado renascentista. Ambos coincidem, entretanto, num ponto decisivo: o pecado de Adão não corrompeu a Humanidade. Portanto a salvação do homem e, no plano ético, sua capacidade de discernir o bem, não estão na *absoluta* dependência da graça divina. Por ter apregoadado esta concepção numa época em que o dogma cristão ainda não se havia consolidado, Pelágio passou à História como o chefe de uma heresia. Por ter se absterido de desafiar o “Partido” católico-romano num ponto programático tão fundamental quanto o da Redenção da Humanidade pela Encarnação de Deus, Erasmo não ultrapassou a fronteira entre a heterodoxia e a heresia...

As posições se modificam, entretanto, quando passamos do plano teológico ao plano ético. O humanismo cristão de Erasmo, enquanto síntese da ilustração renascentista e da renovação da mensagem evangélica, constituiu (ou teria constituído se tivesse vingado) o mais abrangente ponto de equilíbrio entre o desespero filosófico de Lutero e de Calvino (repúdio à natureza, convicção de que os desígnios divinos são impenetráveis e portanto de que é irremediável a cisão entre a Ra-

ção infinita e o Entendimento finito) e os desmandos da hierarquia católica que rebaixara a fé a um rito exterior, hipócrita e supersticioso, quando não eivado de neo-paganismo.

## 6- O humanismo erasmiano: religião ou ética?

Enquanto síntese da ilustração renascentista e da renovação da mensagem evangélica, o humanismo cristão de Erasmo foi portador de um novo ideal cultural, incorporando além, evidentemente, da ilustração renascentista e da reforma dos costumes eclesiásticos, uma renovação ético-humanista do cristianismo.

É sobretudo esta renovação que constitui o conteúdo essencial de seu projeto. A revolução de Erasmo, entretanto, não triunfou. Mais exatamente, como notou Lucien Febvre no clássico *Le problème de l'incroyance au XVI siècle*, “do ponto de vista histórico, Erasmo aparece como um vencido; Lutero e Loyola, como vencedores”.<sup>36</sup> Significativamente, esta apreciação aproxima Erasmo de outro ilustre vencido, que foi um de seus melhores amigos, Thomas More. A religião de Utopia, como a sonhada por Erasmo, era simples, tolerante e livre. Seria meramente utópica? E Erasmo seria também um utopista? Tudo depende do que entendermos por utopia. Para Lucien Febvre, em todo caso, a questão aponta para um projeto que o curso do processo histórico atropelou: a religião humanista baseada na “filosofia do Cristo”, unindo “o espírito de livre e crítico exame oriundo da Renascença e o espírito de adesão respeitosa e confiante ao dogma, de qual a Igreja

---

<sup>36</sup> Lucien Febvre, *Le problème de l'incroyance au XVI siècle*, Paris, Albin Michel, 1968, p.281.

tirava sua força tradicional e sua unidade”. Este projeto sofreu, com a ruptura de Lutero, “um eclipse brusco e completo”, vale dizer, foi eliminado da cena histórica.

Até o fim, “até o fracasso definitivo de suas tentativas de mediação”, Erasmo continuou pregando uma reforma espiritual que permitisse aos cristãos de todas as escolas sentirem-se irmãos, sem antagonismos nem anátemas e que, repudiando as sutilezas inúteis, as curiosidades supérfluas, as deduções, interpretações e construções tão tirânicas quão aleatórias de uma teologia enfatuada de si própria, unificasse as boas vontades e as consciências retas em torno de um número bem pequeno de fórmulas”. A “utopia” erasmiana, sugere com razão Lucien Febvre, consiste exatamente na tentativa de substituir as sutilezas escolásticas da teologia pela simplicidade da ética cristã. Pouco importava para ele, que o Espírito Santo “procedesse do Pai ou do Filho, ou do Pai e do Filho”. “O essencial era fazer frutificar em si os dons do Espírito: amor, alegria, bondade, paciência, fé, modéstia e manter no coração a fonte vivificante de uma vida moral espontânea”.<sup>37</sup>

Definitivamente, portanto, o utopismo de um pensador de grande estatura, como Erasmo, cuja perspectiva se ergue mais além de seu tempo histórico, consistiu em defender a idéia de uma religião baseada na ética e não no dogma teológico. Se houve “oportunismo” em sua ruptura com Lutero (algum certamente há de ter havido, já que foi sob forte pressão das autoridades eclesiásticas que se decidiu a escrever o *De libero arbitrio*) não houve, em momento algum, renúncia a suas idéias e convicções essenciais. O que mais o desapontou em Lutero foi

---

<sup>37</sup> ib., pp. 282-283.

exatamente, como lhe disse na carta de 11 de abril de 1526, que marcou a ruptura final entre ambos, haver conduzido, com seu “temperamento arrogante, insolente e sedicioso”, “o globo inteiro a uma discórdia ruinosa”.<sup>38</sup> Nada mais estranho à filosofia cristã, como Erasmo a entendia, do que a intolerância e a guerra.<sup>39</sup> Lutero estava mais preocupado com a fé e com a igreja do que com a filosofia cristã. Mas imputar-lhe a responsabilidade principal pela “discórdia ruinosa” que dilacerou a cristandade é ocultar o longo e lúgubre cortejo de raivas discórdias e cruéis violências tão frequentes em sua história.

Por mais justa que nos pareça a acima mencionada observação de Lucien Febvre de que, considerado em seu tempo histórico, Erasmo aparece como um vencido, ao passo que Lutero e Loyola figuram como vencedores, devemos completá-la e nesta medida restringi-la, com outra constatação, sugerida pelo próprio Febvre e fortemente enfatizada tanto por Pierre Mesnard quanto por Johan Huizinga.

Para Mesnard, “a realeza espiritual”, a “absoluta supremacia que este escritor isolado, este monge pobre e andarilho...exerceu sobre seu século” desafiam nossa compreensão. Com efeito, a influência de Erasmo foi “a mais considerável que um homem de letras logrou exercer na Europa”; perto dele, a influência de Voltaire “não passa de um reflexo enfraquecido”.<sup>40</sup> Mesmo descontando exagero explicável pelo apaixonado erasmismo de Mesnard, não há dúvida de que, para um “vencido”, o impacto de suas idéias foi extraordinariamente profundo, amplo e du-

---

<sup>38</sup> A tradução em inglês desta carta está reproduzida em anexo ao acima citado *Erasmus and the age of Reformation* de Huizinga, pp. 239-242.

<sup>39</sup> Ver sobre este ponto o artigo de Roberto Romano “Erasmo e a guerra”, *Premissas*, Caderno 3, abril de 1993, pp. 52-69.

<sup>40</sup> Pierre Mesnard, *L'essor de la philosophie politique au XVI siècle*, op. cit., pp. 86-87.

radouro. O que nos leva a examinar mais de perto em que sentido se pode efetivamente considerar que Lutero e Loyola o venceram.

Relativamente a Lutero, a resposta é clara: ele venceu antes de mais nada porque fundou uma nova religião, ao passo que a tão considerável influência exercida por Erasmo não chegou nunca a constituir o centro de articulação orgânica do movimento cultural e religioso que inspirou. Quanto a Loyola, a questão é mais complexa. A rebelião luterana e a conseqüente ruptura da unidade religiosa do Ocidente cristão exerceram inevitável efeito de polarização entre os partidários da Reforma, levados a se concentrar no polo protestante a tal ponto que os dois termos tornaram-se praticamente sinônimos (quando se diz Reforma sem outra especificação, denota-se o protestantismo) e os da Igreja Católica Romana, levados, por um movimento oposto, a cerrar fileiras em torno do trono de São Pedro. Estes, para enfrentar aqueles, precisavam de militantes de choque, como os soldados de Cristo arregimentados por Loyola, e não de críticos mordazes dos maus costumes eclesiásticos e defensores da concórdia e da tolerância, como Erasmo e os erasmistas.<sup>41</sup> Ao ocuparem seu posto de combate neste confronto bipolar, os jesuítas contribuíram com muita eficiência para o rearmamento ideológico do catolicismo, no momento em que este desencadeava, no Concílio de Trento, sua contra-ofensiva teológico-política. Mas exatamente por constituírem uma tropa de elite do catolicismo no confronto com o protestantismo, eles só foram bem-vindos onde e quando a lógica do enfrentamento se impôs à da coexistência pacífica.

---

<sup>41</sup> “Loyola contou que a leitura do *Enchiridion militis Christiani*” (em que Erasmo defende e ilustra seu ideal da militância cristã) “amoleceu-lhe o fervor e esfriou-lhe a devoção. Via de maneira diferente o guerreiro de Cristo, nas cores brilhantes do ideal medieval, hispano-cristão, de cavalaria”. Huizinga, op.cit., p. 189.

Onde e quando, ao contrário, predominou a vontade de pacificação (como na França do final do reinado de Henrique III e no de Henrique IV), os jesuítas suscitaram a aversão que inspiram os que lançam combustível num incêndio. Já Erasmo triunfaria onde e quando suas idéias encontrassem na atmosfera do humanismo ilustrado o clima propício para seu florescimento. Seu pensamento, como nota Pierre Mesnard, exercerá constante influência “ao longo dos séculos XVI e XVII em todos os meios católicos onde a flama humanista permaneceu singularmente ardorosa e em particular na Espanha, profundamente marcada pela tradição erasmiana”.<sup>42</sup> Esta influência estendeu-se também aos meios protestantes, sensíveis, apesar dos pesares e a despeito de tudo que os separa da ilustração erasmiana, ao que Mesnard chama o *evangelismo* de Erasmo: “regenerar o homem purificando a religião e batizando a cultura”.<sup>43</sup> Ainda segundo Mesnard, a influência política de seu “idealismo” (por oposição à do realismo maquiaveliano) fez-se sentir através da recolocação da “noção de bem comum ... no campo das especulações políticas”, em concorrência com “a razão de Estado que Maquiavel lhes tinha legado por princípio”.<sup>44</sup>

Também Huizinga, na conclusão de seu estupendo estudo sobre Erasmo, pergunta porque “ele permaneceu tão grande”. A questão é pertinente: seus projetos e esperanças fracassaram, fazendo-o “retirar-se assustado daquela tremenda luta, que ele corretamente chamou de tragédia”. No “ousado e veemente” século XVI, seu ideal de “moderação e tolerância” aparece deslocado. Do ponto de vista da posteridade, a “erudição literária latina, para ele a epítome de toda cultura verda-

---

<sup>42</sup> Mesnard, op. cit., p.139, n.1.

<sup>43</sup> Mesnard, *La philosophie chrétienne* (textos escolhidos de Erasmo), op. cit., p.87.

<sup>44</sup> Mesnard, *L'essor de la philosophie politique...*, op. cit., pp. 139-140.

*comium*, o elogio da loucura, data de 1509, quando ele completou quarenta e três anos. Mas do mesmo modo que marcou, contra Lutero, os limites de seu apego à causa da reforma do cristianismo, voltou-se também, em 1528-1529, contra o que Huizinga chama “os excessos do humanismo”, a saber “seu paganismo e seu pedante classicismo”.<sup>51</sup> Sem exagerar o alcance deste novo e último combate ideológico em que um Erasmo já sexuagenário, mas na plena força de seus recursos intelectuais, tornou a colocar, como o fizera alguns anos antes contra os protestantes, sua pluma a serviço da ortodoxia católica, parece-nos importante evocar, ainda que concisamente, o conteúdo de seu escrito mais notável desta fase, o *Ciceronianus*.

Não há latinista que não se tenha longamente debruçado sobre os discursos e os diálogos filosóficos de Cícero. Os do século XVI tanto ou mais que os outros. Ora Erasmo foi um dos maiores latinistas deste século em que eles eram muitos e bons. Em 1528, ele publicou um volume cujo título completo era *De Recta latini graecique sermonis pronunciatione Des. Erasmi Roterodami Dialogus. Eiusdem Dialogus cui titulus CICERONIANUS, sive, De optimo genere dicendi cum aliis nonnullis quorum nihil non est novus*. Em dois anos, de março 1528 a março 1530, o *Ciceronianus*, entre reimpressões e reedições, foi publicado 7 vezes, acompanhado de estudos filológicos como o que figura no título da 1a. edição (sobre a pronúncia correta dos termos gregos e latinos).

Não foram certamente os estudos filológicos, embora densamente eruditos, mas a diatribe contra os fanáticos de Cícero, que assegurou a Erasmo este novo sucesso literário. *Ciceronianus* não é, po-

---

<sup>51</sup> Huizinga, *ib.*, p.170.

rém, mera diatribe. Sem dúvida Nosoponus, o personagem que encarna, em todos os seus ridículos, a ciceromania da ilustração renascentista, é fortemente criticado, ao longo do diálogo, por Hipólogo (também admirador do grande letrado romano, mas mais admirador de Cristo) e sobretudo por Buléforo, que, como sugere o nome, é portador do ponto de vista de Erasmo. Mas o diálogo, como observa Pierre Mesnard, anuncia em seu duplo título (*Ciceronianus sive De optimo genere dicendi*) dois temas distintos, a saber um estudo crítico do movimento humanista e uma teoria da imitação apontando para uma nova arte oratória”.<sup>52</sup> Através da crítica dos cicerômanos, representados por Nosoponus (personagem inspirado do latinista francês Christophe de Longueil, Longolius nas letras),<sup>53</sup> Erasmo empreende a revisão crítica da Retórica legada pela Antiguidade Clássica com o objetivo de “mostrar como realmente podemos imitar Cícero colocando sua muito alta eloquência a serviço da piedade cristã”.<sup>54</sup> Objetivo sem dúvida coerente com a inspiração da atividade intelectual de toda sua vida: recentrar a Ilustração renascentista na Revelação cristã. Mas neste ponto a biografia erasmianamente irônico-crítica de Huizinga nos parece melhor retratar Erasmo que a doutra mas apologética erasmologia de Mesnard. A ênfase principal do *Ciceronianus* está posta na

---

<sup>52</sup> Mesnard, *La philosophie chrétienne*, op. cit., p. 259.

<sup>53</sup> Erudito humanista apaixonado por Cícero, Longueil havia polemizado com Erasmo em 1519. Huizinga, sempre atento às fraquezas de seu biografado, comenta que “Erasmus in drawing Nosoponus had evidently, in the main, alluded to one who could no longer reply: Christopher Longolius, who had died in 1522” (ib., p.172). O zelo crítico, no caso, é manifestamente excessivo. Que Longueil tenha inspirado o personagem Nosoponus, reconhecem-no todos os erasmólogos. Mas a polêmica entre o cicerômano francês e o humanista crítico holandês vinha se travando há muitos anos, tendo atingido o clímax em 1519.

<sup>54</sup> Mesnard, ib., p. 262.

crítica ao Humanismo entendido como fim em si e na conseqüente pregação de uma subordinação sem reservas da eloqüência profana às eternas e transcendentais verdades da Religião. Em relação aos *Adágios*, ao *Elogio da Loucura* e a tantos outros escritos militantemente humanistas e implacavelmente críticos dos costumes eclesiásticos, os escritos de 1528-1529 parecem mesmo configurar, como sustenta Huizinga, uma “guerra contra os Humanistas e os Reformadores”, que levou “o velho Erasmo pela trilha da reação... para longe do humanismo”. “Em seu combate contra o purismo humanista, ele anuncia antecipadamente (“foreshadows”) um Cristianismo puritano”.<sup>55</sup>

Admitindo que envelhecendo, Erasmo tornou-se reacionário, interessa-nos menos avaliar o tamanho desta virada à direita do que examinar em que medida afetou o legado maior de sua obra, a saber, a síntese entre a erudição renascentista e a renovação da mensagem ético-religiosa do cristianismo.

Se colocarmos a questão do ponto de vista da biografia intelectual de Erasmo, constataremos uma tensão constante entre a crítica humanista e a apologia do cristianismo, em que predomina, até os anos 20, o espírito crítico e, a partir da ruptura com Lutero, o espírito apologético. Considerando que em 1520 Erasmo completou cinquenta e quatro anos (ou cinquenta e um para os que, como Mesnard, atribuem-lhe 1469 e não 1466 como ano de nascimento), não se pode dizer que seu ardor crítico tenha sido apenas juvenil. Definitivamente, o banal esquema biológico em dois ou três tempos existenciais (juventude turbulenta, maturidade equilibrada, velhice timorata ou, simplesmente, arroubos da mocidade e prudência do adulto experiente) explica muito

---

<sup>55</sup> Huizinga, *ib.*, p.173.

pouco a trajetória do grande humanista que foi também um fervoroso cristão.

Muito mais pertinentes, para compreendê-la, nos parecem os dois fatores apontados por Huizinga: a ambigüidade psicológica de um indivíduo tão intensamente sintonizado com seu tempo que se pode perguntar se alguém melhor do que ele exprimiu o espírito deste tempo mas também demasiado cioso de sua liberdade individual para se comprometer a fundo com “obrigações que pudessem se tornar algemas”<sup>56</sup> e, sobretudo, as turbulências desencadeadas pela rebelião de Lutero, que colocaram Erasmo em cima do muro, pior, em cima de uma barricada sob o fogo cruzado dos católicos e dos protestantes. Vimos que acabou saltando da barricada para o lado católico e atirando não somente em Lutero mas também nos ciceronianos suspeitos de neo-paganismo. Mas o fez por razões de força maior: teria preferido permanecer como o festejado e universalmente (isto é, na Europa toda) admirado renovador intelectual do autêntico cristianismo. Talvez, mais do que reacionário, tenha se tornado amargo e não tanto pela velhice ou por ter sido constringido a tomar partido, a ocupar seu lugar na barricada católica, mas por ter visto fracassarem seus dois maiores objetivos, aqueles, em todo caso, pelos quais mais se tinha batido enquanto intelectual cristão: a reforma religiosa dentro da Igreja católica e o triunfo da concórdia e da paz na cristandade. A Reforma luterana cindiu a cristandade, abrindo um período de guerra religiosa que se estenderia muito além de sua morte. A intolerância e o ódio religiosos, o fogo das batalhas, os incêndios e devastações de uma guerra ci-

---

<sup>56</sup> A expressão é de Huizinga, *ib.*, p.126. O capítulo XIV de seu livro, “Erasmus’s Character”, pp.117-129, contém notáveis análises psicológicas.

vil continental compuseram um diabólico cenário que constituía a negação mesma de tudo que Erasmo havia almejado e esperado.

Os últimos anos da vida de Erasmo foram carregados de tristezas. Talvez a maior de todas tenha sido o trágico destino daquele que era a outra metade de sua alma. A partir de 1529, movido pelo efeito combinado da vontade de divorciar-se da rainha para, casando-se com a amante Ana Boleyn, torná-la rainha da Inglaterra e de se pôr à frente de um cristianismo nacional, religião do Estado inglês e não dos Estados do Papa, Henrique VIII chocou-se com a incorruptível oposição de Thomas More, que tantos serviços lhe prestara, como católico convicto, na luta contra Lutero. Contrariar frontalmente um monarca de vocação absolutista implicava em aceitar o risco de ser condenado à morte. Destituído em 1533 do cargo de chanceler, processado em seguida por crime de alta traição, More foi executado em julho de 1535. No mês anterior, John Fischer, outro grande amigo inglês, sofrera pelas mesmas razões o mesmo martírio. Erasmo recebeu a notícia em Basiléia (Bâle), para onde havia retornado. Em 1533, tentara, pela última vez, promover a reconciliação e a reunificação dos cristãos, publicando a *Explanatio symboli apostolorum* e a *De sarcienda Ecclesiae concordia* (sobre o restabelecimento da concórdia na Igreja). O trágico fim de Fischer e de More ter-lhe-á mostrado, com muito cruel ironia, a ineficácia daquele esforço. Sobreviveu porém apenas um ano mais, morrendo em Basiléia em julho de 1536.

NOME (Name): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

ENDEREÇO (Address): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

RECEBEMOS: \_\_\_\_\_

We have received: \_\_\_\_\_

FALTA-NOS: \_\_\_\_\_

We are lacking: \_\_\_\_\_

ENVIAMOS EM PERMUTA: \_\_\_\_\_

We are sending in exchange: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

Date: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA  
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further  
publications are not wanted.

À  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH  
**SETOR DE PUBLICAÇÕES**  
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"  
Caixa Postal 6.110  
13083-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.1603 / 788.1604  
Telefax (019) 788.1589